

*LAWRENCE BLOCK*

# *NA LINHA DE FRENTE*

Tradução:  
JULIA ROMEU



COMPANHIA DAS LETRAS

---

Copyright © 1989 by Lawrence Block

*Publicado mediante acordo com o autor, representado por  
BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, Estados Unidos.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:

*Out on the cutting edge*

Capa:

*Elisa v. Randow*

Foto de capa:

?

Preparação:

*Maria Cecília Caropreso*

Revisão:

*Luciane Helena Gomide*

*Ana Maria Barbosa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Block, Lawrence

Na linha de frente / Lawrence Block ; tradução Julia  
Romeu. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Out on the cutting edge.

ISBN 978-85-359-1662-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-ameri-  
cana) I. Título.

10-03085

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

# 1

Existem três grandes confrarias de atores em Nova York, e anos atrás um ator chamado Maurice Jenkins-Lloyd gostava de defini-las para quem quisesse escutar.

— Os Players são cavalheiros que fingem ser atores — explicava. — Os Lambs são atores fingindo ser cavalheiros. E os Friars... os Friars não são nem uma coisa nem outra e fingem ser os dois.

Não sei a qual categoria Jenkins-Lloyd pertencia. Quando o conheci, ele estava quase sempre bêbado, fingindo estar sóbrio. Costumava beber no Armstrong's, que ficava na Nona Avenida, entre as ruas 57 e 58. Seu drinque preferido era uísque Dewar's com soda, que conseguia beber o dia todo e a noite toda sem dar muito na vista. Jamais falava alto, tornava-se agressivo ou caía da cadeira. Às vezes ficava com a voz um pouco pastosa já de madrugada, mas nada além disso. Fosse um Player, um Lamb ou um Friar, Jenkins-Lloyd bebia como um cavalheiro.

E morreu disso. Eu ainda bebia quando ele morreu em virtude de uma ruptura espontânea do esôfago. Não é a principal causa de morte associada a alcoólatras, mas não se vê acontecer muito com outras pessoas. Não sei bem o que provoca isso, se o efeito cumulativo de derramar álcool goela abaixo ao longo de anos ou o esforço de vomitar uma ou duas vezes todas as manhãs.

Eu não pensava em Maurice Jenkins-Lloyd havia muito tempo. Pensei nele agora porque estava a caminho de uma reunião dos Alcoólicos Anônimos no segundo andar do que costumava ser o Clube Lambs. Há alguns anos, aquele prédio branco elegante da rua 44 Oeste se tornara um

luxo caro demais para os Lambs, por isso eles venderam a propriedade e foram dividir um espaço com outro clube em algum lugar do centro de Manhattan. Uma igreja qualquer comprara a propriedade, que agora abrigava um teatro experimental e cedia as instalações para outras atividades. Nas noites de quinta-feira, um grupo do AA chamado Um Novo Começo pagava uma taxa simbólica para se reunir em uma das salas.

A reunião ia ser das oito e meia às nove e meia. Cheguei mais ou menos dez minutos antes e me apresentei ao coordenador do programa. Peguei um café e me sentei no lugar que ele indicara. Havia oito ou dez mesas de cerca de dois metros dispostas num retângulo aberto, e minha cadeira ficava no canto mais distante da porta, ao lado da mesa do coordenador.

Às oito e meia havia mais ou menos trinta pessoas sentadas em volta das mesas, bebendo café em copinhos de isopor. O coordenador iniciou a reunião lendo o preâmbulo, e então pediu que alguém lesse um trecho do quinto capítulo do livro *Alcoólicos anônimos*. Ele deu alguns avisos: haveria um baile naquele fim de semana no Upper West Side; um grupo do AA celebraria o aniversário de sua fundação em Murray Hill; e o Al-Anon agora tinha mais um horário para reuniões. Além disso, um grupo que se encontrava sempre numa sinagoga da Nona Avenida ia cancelar suas próximas duas reuniões por causa dos feriados judaicos.

Então o coordenador disse:

— Nosso orador hoje é Matt, do grupo Mantendo a Simplicidade.

Eu estava nervoso, claro. Começara a ficar nervoso no minuto em que entrara na sala. Sempre fico assim antes de uma reunião, mas passa. Os participantes aplaudiram educadamente quando o coordenador me apresentou e, quando pararam, eu disse:

— Obrigado. Meu nome é Matt e eu sou um alcoólatra.

Nesse momento, o nervosismo desapareceu. Conteí a minha história.

Falei durante cerca de vinte minutos. Não me lembro do que disse. Basicamente, o que você faz é contar como as coisas costumavam ser, o que aconteceu e como elas são agora. Foi o que eu fiz, mas o relato é diferente toda vez.

As histórias de algumas pessoas são tão inspiradoras que poderiam ser transformadas numa minissérie. Elas contam como estavam levando uma vida miserável em East St. Louis e como agora são presidentes da IBM e já vão ser promovidas de novo. Não tenho uma história do tipo para contar. Ainda moro no mesmo lugar e faço a mesma coisa na vida. A diferença é que eu costumava beber e agora não bebo mais. Nada muito impressionante.

Quando terminei, as pessoas aplaudiram mais uma vez. Uma cestinha foi passada de mão em mão, para que cada um colocasse um dólar, uma moeda de vinte e cinco centavos ou nada, para ajudar nas despesas com aluguel e café. Depois de um intervalo de cinco minutos, a reunião recomeçou. O formato varia de lugar para lugar: nessa, deixam que todos falem um pouco.

Havia cerca de dez pessoas na sala que eu reconheci e mais ou menos uma meia dúzia que me pareceu familiar. Uma mulher de maxilar proeminente e cabelos ruivos muito cheios referiu-se ao fato de eu ter sido policial.

— Você pode muito bem já ter aparecido na minha casa — disse ela. — A polícia ia lá uma vez por semana. Meu marido e eu bebíamos e brigávamos, algum vizinho chamava a polícia e ela aparecia. O mesmo policial foi três vezes seguidas, e eu comecei a ter um caso com ele. Aí tivemos uma briga, e alguém chamou a polícia. Os vizinhos estavam sempre chamando a polícia para ir à minha casa, mesmo quando eu já estava com um policial.

Às nove e meia rezamos um pai-nosso e encerramos a reunião. Algumas pessoas vieram apertar minha mão e me agradecer por ter sido o orador. A maioria saiu correndo dali para poder fumar.

Lá fora a noite estava fresca, pois era início de outono. O verão fora horrivelmente quente, e as noites frias da nova estação eram um alívio. Andei meio quarteirão na direção oeste e um homem saiu de debaixo de uma marquise e me pediu um trocado. Estava usando um paletó que não combinava com as calças e um tênis bem puído sem meias. Parecia ter trinta e cinco anos, mas devia ser mais novo. Morar na rua envelhece.

O homem precisava tomar um banho, se barbear, cortar o cabelo. Precisava de muito mais do que eu podia lhe dar. Tudo o que ganhou de mim foi um dólar, que tirei do bolso da calça e coloquei na palma de sua mão. Ele me agradeceu e pediu que Deus me abençoasse. Comecei a andar, e estava quase na esquina da Broadway quando ouvi alguém me chamar pelo nome.

Virei-me e reconheci um homem chamado Eddie. Ele estivera na reunião, e eu já o tinha visto outras vezes. Andava rápido para me alcançar.

— Oi, Matt — disse Eddie. — Quer tomar um café?

— Bebi três cafés na reunião. Acho que vou para casa.

— Vai em direção ao norte? Vou com você.

Pegamos a Broadway até a rua 47, depois a Oitava Avenida, viramos à direita e seguimos para o norte de Manhattan. Cinco pessoas nos pediram esmola no caminho. Eu disse não para duas, dei um dólar para cada uma das outras três e recebi delas um agradecimento e uma bênção. Depois que a terceira pegou o dinheiro e me abençoou, Eddie disse:

— Você tem o coração mais mole da cidade. Puxa, Matt, será que você não sabe dizer não?

— Às vezes eu digo.

— Mas na maioria das vezes, você diz sim.

— Na maioria das vezes eu digo sim.

— Vi o prefeito na tevê outro dia. Ele disse que a gente não deve dar grana para as pessoas na rua. Disse que metade dos mendigos é viciada em drogas e que só vai gastar o dinheiro em crack.

— É, e a outra metade vai esbanjar tudo em comida e abrigo.

— Ele disse que existem leitos e refeições de graça na cidade para quem precisar.

— Pois é. Mas por que será que tanta gente dorme na rua e come o que acha no lixo?

— O prefeito também quer acabar com esses caras que lavam os vidros dos carros. Sabe, esses caras que limpam o seu para-brisa mesmo que ele não esteja sujo e depois pedem um trocado? Disse que não gosta de ver gente trabalhando na rua desse jeito.

— Ele tem razão — disse eu. — E olha que são uns caras fortões. Deviam estar assaltando gente ou roubando lojas de conveniência. Alguma coisa menos visível.

— Parece que você não gosta muito do prefeito.

— Ele não é dos piores. Deve ter o coração do tamanho de uma uva-passa, mas acho que isso é um pré-requisito da função. Tento não prestar muita atenção em quem é o prefeito ou no que ele diz. Dou algum dinheiro todos os dias, só isso. Não me prejudica e também não ajuda muito quem precisa. Mas é o que eu tenho feito ultimamente.

— Tem bastante gente na rua pedindo esmola.

E tinha mesmo. Era possível vê-los por toda a cidade, dormindo nos parques, nas estações de metrô e de trem e nas rodoviárias. Alguns eram malucos, alguns eram viciados em crack, e outros apenas pessoas que tinham ficado para trás na luta pela vida e acabado sem ter onde morar. É difícil arrumar um emprego quando não se tem uma residência, pois é preciso se manter apresentável o suficiente para ser contratado. Mas alguns até *tinham* empregos. É duro encontrar um apartamento em Nova York, e mais duro ainda conseguir mantê-lo; somando o aluguel e todas as taxas, às vezes são necessários mais de dois mil dólares para atravessar a porta de um apartamento. Mesmo se você estiver trabalhando, como vai conseguir economizar tudo isso?

— Graças a Deus, eu tenho um apartamento — disse Eddie. — É o apartamento onde passei minha infância, dá para acreditar? Um quarteirão à frente e dois para lá, perto da rua 10. Não é o primeiro lugar onde morei na vida. Meu primeiro prédio foi demolido, era naquele terreno onde construíram o colégio novo. A gente se mudou quando eu tinha, não sei, acho que uns nove anos. Deve ter sido, pois lembro que foi na terceira série. Sabia que já fui preso?

— Mas não na terceira série.

Eddie riu.

— Não, um pouco mais tarde. Meu velho morreu quando eu estava na cadeia em Green Haven, e quando eu saí não tinha onde ficar, por isso fui morar com a minha mãe. Eu não parava muito em casa, era só um lugar para deixar minhas roupas e minhas coisas, mas aí ela ficou doente e eu comecei a passar mais tempo lá. Quando a minha mãe morreu, fiquei com o apartamento. É pequeno, tem só um dormitório e fica no quarto andar, não tem elevador, mas o aluguel é controlado pelo governo, Matt. Só cento e vinte e dois dólares e setenta e cinco centavos por mês. Qualquer hotel decente nesta cidade cobra isso por uma noite.

E o mais incrível era que aquela parte de Nova York estava ficando cada vez mais valorizada. A Hell's Kitchen, ou Cozinha do Inferno, fora um lugar violento e triste por cem anos, mas agora os corretores de imóveis chamavam o bairro de Clinton, transformando os prédios vagabundos em lugares modernos e cobrando até cem mil dólares pelos apartamentos. Nunca entendi para onde iam os pobres que moravam lá e de onde surgiam os ricos.

Eddie disse:

— A noite está linda, não está? Claro que daqui a pouco a gente vai estar reclamando do frio. Num minuto você está morrendo de calor e no outro está se perguntando cadê o verão. É sempre assim, não é?

— É o que dizem.



Eddie tinha trinta e muitos anos, cerca de um metro e setenta e era magro, com a pele bem branca e olhos azuis desbotados. Seu cabelo castanho-claro estava caindo e, como ele tinha a testa grande e o queixo para dentro, parecia um pouco um coelho.

Mesmo que não tivesse me contado que já havia sido preso, eu provavelmente teria adivinhado, embora não sabia explicar bem por quê. Só sei que Eddie tinha cara de bandido. Era meio valentão e meio dissimulado, uma atitude que se manifestava fisicamente na maneira como estufava o peito e olhava sem parar de um lado para o outro. Não era muito óbvio, mas, na primeira vez em que o vi numa reunião, pensei: “Esse cara já fez besteira e já deve ter ido para a cadeia por causa disso”.

Eddie pegou um maço de cigarros e me ofereceu. Recusei com um gesto de cabeça. Ele pegou um e riscou um fósforo para acendê-lo, protegendo a chama do vento com as mãos em concha. Soltou uma baforada e então segurou o cigarro entre o polegar e o indicador, observando-o.

— Eu devia parar com esta merda — disse. — Fiquei sóbrio, mas vou morrer de câncer. Qual é a vantagem?

— Há quanto tempo você parou de beber, Eddie?

— Quase sete meses.

— Muito bom.

— Já participo do programa há quase um ano, mas levei algum tempo para parar de vez.

— Eu também demorei um pouco.

— É? Ainda fiquei bebendo por um ou dois meses. Depois achei que podia fumar maconha, porque afinal o meu problema era com álcool. Mas acho que até que enfim entendi o que estava ouvindo nas reuniões e acabei largando o baseado também. Estou totalmente abstinido há sete meses.

— Que bom.

— É, acho que é.

— Quanto aos cigarros, dizem que não é boa ideia tentar fazer tudo ao mesmo tempo.

— Eu sei. Fico pensando que, quando eu completar um ano sem beber, vai estar na hora de eu largar isto aqui.

Eddie deu um longo trago e a brasa brilhou no escuro, vermelha.

— Eu moro por aqui. Tem certeza de que não quer tomar um café?

— Tenho, mas eu vou andando até a Nona Avenida com você.

Atravessamos um quarteirão comprido e ficamos parados na esquina conversando durante alguns minutos. Não me lembro bem sobre o que falamos. Sei que Eddie perguntou:

— Quando o coordenador apresentou você, disse que seu grupo era o Mantendo a Simplicidade. Esse é o grupo que se reúne na igreja de São Paulo Apóstolo?

Assenti.

— O nome oficial é Mantendo a Simplicidade, mas todo mundo chama de grupo da São Paulo Apóstolo — expliquei.

— Você vai sempre lá?

— Quase sempre.

— De repente a gente se vê lá. Você tem telefone, Matt?

— Tenho. Moro num hotel chamado Northwestern. É só ligar para a recepção que eles passam para mim.

— E eu peço para falar com quem?

Fiquei olhando para ele e, após alguns segundos, caí na risada. Tinha algumas fotos 5 × 7 no bolso da minha camisa, e na parte de trás de cada uma delas havia um carimbo com meu nome e telefone. Peguei uma e entreguei para Eddie. Ele leu e disse:

— Matthew Scudder. Então esse é o seu nome, hein? Ele olhou o verso da foto.

— Mas esse não é você.

— Você sabe quem é?

Eddie balançou a cabeça.

— Não, quem?

— Uma menina que estou tentando encontrar.  
— Dá para entender por quê. Encontre duas logo, e dê uma para mim. Você trabalha com isso?  
— Trabalho.  
— Bonita. Jovem, ou pelo menos era quando tiraram a foto. Quantos anos ela tem, uns vinte e um?  
— Tem vinte e quatro agora. A foto foi tirada há um ou dois anos.  
— Vinte e quatro é bem jovem — disse ele, virando a foto mais uma vez. — Matthew Scudder. Engraçado como às vezes a gente sabe coisas tão pessoais de alguém, mas não sabe o nome. Quer dizer, o sobrenome. O meu é Dunphy, talvez você já soubesse disso.  
— Não sabia, não.  
— Eu lhe daria meu telefone, se tivesse um. Cortaram a linha há um ano e meio por falta de pagamento. Vou ter de resolver isso um dia desses. Foi bom falar com você, Matt. Quem sabe a gente não se vê amanhã na São Paulo Apóstolo?  
— Eu devo ir.  
— Vou fazer de tudo para ir também. Cuide-se, então.  
— Você também, Eddie.  
Ele esperou o sinal fechar e atravessou a avenida a passos largos. No meio do caminho, voltou-se e sorriu para mim.  
— Tomara que você encontre a menina — disse.

Porém não a encontrei naquela noite, nem em nenhuma outra. Andei o resto do caminho até a rua 57 e fui para a recepção do hotel onde moro. Não havia mensagem para mim, mas Jacob me contou que eu tinha recebido três telefonemas em um espaço de meia hora.

— Talvez tenha sido a mesma pessoa todas as vezes — disse ele. — Mas não deixou recado.

Fui até o meu quarto, sentei-me e peguei um livro. Já tinha lido algumas páginas quando o telefone tocou.

Atendi, e um homem disse:

— É o Scudder?  
 Confirmei.

— Quanto é a recompensa? — perguntou ele.

— Que recompensa?

— Não é você que está procurando aquela menina?  
 Eu poderia ter desligado, mas disse:

— Que menina?

— A foto dela está de um lado e seu nome do outro.  
 Não está procurando por ela?

— Você sabe onde ela está?

— Responda a minha pergunta antes. Quanto é a recompensa?

— Pode ser que seja uma recompensa pequena.

— Pequena quanto?

— Você não vai ficar rico.

— Diga um valor.

— Algumas centenas de dólares.

— Quinhentos dólares?

O preço não importava. Esse cara não tinha nada para me vender.

— Tudo bem — concordei. — Quinhentos.

— Que merda. Não é muito.

— Eu sei.

Ele fez uma pausa e então disse apressadamente:

— Tudo bem. Olhe só o que você vai fazer. Vá até a esquina da Broadway com a rua 53, aquela que fica mais perto da Oitava Avenida. Encontro você lá em meia hora. Leve o dinheiro. Se estiver sem a grana, nem precisa ir.

— Não vou conseguir arrumar o dinheiro a esta hora.

— Você não tem um cartão de banco vinte e quatro horas? Merda. Tudo bem, quanto você tem aí? Pode me dar um pouco agora e o resto amanhã. Mas não marque bobeira, cara, porque a menina pode não estar no mesmo lugar amanhã, entende?

— Entendo mais do que você imagina.

— Como assim?

— Qual é o nome dela?

— Como é que é?

— Qual é o nome da menina?  
— Você é que está atrás dela. Não sabe a droga do nome?

— Você não sabe, sabe?

O homem ficou em silêncio por um segundo, pensando.

— Sei o nome que ela está usando *agora* — disse.

São sempre os mais idiotas que tentam ser espertos.

— Mas não deve ser o nome que você conhece — continuou ele.

— Que nome ela está usando?

— Sem essa. Essa é uma das informações que você vai comprar com seus quinhentos dólares.

O que eu ia comprar na verdade era um soco na traqueia, talvez até uma facada nas costelas. Os que realmente têm alguma coisa para contar nunca pedem uma recompensa logo no começo, e também não querem encontrar você numa esquina. Estava tão cansado que pensei em desligar o telefone, mas não ia adiantar: o cara ia ligar de novo.

Eu disse:

— Cale a boca. Meu cliente não autorizou uma recompensa até a menina ser encontrada. Você não tem nada para vender e não vai arrancar nem um tostão de mim. Não quero encontrá-lo em nenhuma esquina e, se quisesse, não ia levar dinheiro. Ia levar uma arma, um par de algemas, um parceiro, e ia arrastá-lo para um canto qualquer e bater em você até ter certeza de que não tem mesmo nenhuma informação. Depois, ia bater mais um pouco, pois ia estar puto com você por ter desperdiçado o meu tempo. É isso o que você quer? Quer me encontrar naquela esquina?

— Seu filho da puta...

— Não — disse eu. — Você se enganou. O filho da puta é você.

Desliguei o telefone.

— Escroto — disse eu em voz alta, não sei se para ele ou para mim mesmo.

Tomei um banho e fui para a cama.